

Cem anos de Frantz Fanon

Muryatan S. Barbosa*

Foi-se o tempo em que Frantz Fanon era conhecido apenas pelos militantes anticolonialistas e ativistas dos movimentos negros. Ele hoje é uma referência intelectual mundial, como são Freud, Keynes, Marcuse, Sartre ou Foucault. Hoje, o pensamento do autor e militante martinicano é objeto de estudo multidisciplinar e global. E não se trata apenas de trabalho acadêmico, pois suas ideias continuam vivas nos movimentos sociais e políticos em lugares tão diversos quanto Estados Unidos, Itália, França, Palestina, Caribe, Brasil, África do Sul.

Fanon teve uma breve vida, e poucos escritos. Nasceu em 1925 e faleceu em 1961, aos 36 anos. Provindo de uma família negra de classe média das Ilhas Martinica, no Caribe, formou-se em psiquiatria na França no pós-2ª Guerra Mundial, tendo vivenciado as diversas correntes filosóficas e de teoria crítica que estavam em alta na Europa à época, como o existencialismo, o personalismo, a fenomenologia, o marxismo, o pan-africanismo, a negritude francófona e a psicanálise. Trabalhando na Argélia e depois na Tunísia, a partir de 1954, foi um intelectual orgânico das lutas de libertação nacional que estavam em curso, chegando a tornar-se representante oficial da Frente de Libertação Argelina (FLN), nos seus últimos anos de vida.

O conjunto de escritos que formam a obra de Fanon compreende quatro livros – *Pele negra, máscaras brancas* (1952); *O Vano da Revolução Argelina* (1958); *Os condenados da terra* (1961); *Por uma revolução africana* (1964, póstumo) – e dezenas de ensaios e artigos, contendo análises políticas, peças teatrais e textos especializados em psiquiatria, que só no século XXI passaram a ser realmente explorados pelos comentaristas. A maior parte destes escritos esporádicos foram reunidos em outros livros póstumos, como *Alienação e liberdade* e *Escritos políticos*. Felizmente, esta obra foi toda recentemente publicada ou republicada no Brasil. Os livros possuem uma temática cambiante, que nos anos 1950 se inicia com uma discussão filosófica e psicossocial das relações étnico-raciais entre negros e brancos (*Pele negra, máscaras brancas*) e termina com a projeção dos movimentos de descolonização na África como lutas revolucionárias de libertação, em *Os condenados da terra*.

Por sorte, esta curta trajetória, deveras tumultuada, foi amparada por uma inteligência irrequieta, mas bem dirigida, criando as condições para a formação de um pensador original. É pioneiro em assuntos tidos como centrais na teoria social contemporânea, tendo em conta sua visão sistêmica das relações étnico-raciais, da colonialidade e do racismo, das dinâmicas psicossociais e culturais, da práxis psiquiátrica e do neocolonialismo. Não por acaso, nos últimos anos, também em decorrência da

* Historiador e sociólogo, professor e pesquisador da Universidade Federal do ABC (UFABC). Autor dos livros *Guerreiro Ramos e o personalismo negro* (2015), *A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo* (2020) e *Desde Fanon* (2025, em coautoria com Deivison M. Faustino).

expansão e democratização das universidades públicas brasileiras, os trabalhos acadêmicos sobre Fanon cresceram em escala geométrica, ao ponto de já se poder falar de um campo de estudos fanonianos no país.

Essa retomada deve ser vista desde sua face global. É mais uma peça do tabuleiro que se joga atualmente, visando a construção de uma teoria política e de uma ciência social menos eurocêntrica que outrora. Essa tendência intelectual começa a ganhar consciência de sua existência transnacional, refletindo a disposição de muitos para construir um mundo mais multipolar, democrático e progressista. Fanon é uma peça central nesta batalha.

De certa forma, percebe-se que ele antevia isso em vida. Mesmo quando jovem, suas análises tinham um tom peremptório, como a seguinte: “A descoberta da existência de uma civilização negra no século XV não me dá nenhum breví de humanidade. Quer se queira, quer não, o passado não pode, de modo algum, me guiar na atualidade”. (Fanon, 2008, p. 186) Fanon era assim: insubmisso. Talvez por isso, não se via apenas como uma pessoa intelectualizada, do tipo que repete opiniões alheias. Ele queria ser um intelectual pleno, ou seja, alguém que tem um pensamento próprio e coerente.

Este fato já seria boa razão para se ler e pensar Fanon desde o próprio Fanon, e não como alguém enquadrado nesta ou naquela corrente intelectual. Mas foi isto o que fizeram com ele desde seu falecimento. Durante as décadas de 1960 e 1970, ele ficou conhecido como um autor marxista e anticolonialista depois da publicação dos seus escritos políticos, em particular *Os condenados da terra* (1961) – uma imagem que ficou cristalizada no prefácio de Jean-Paul Sartre ao referido livro. Uma segunda abordagem diz respeito aos estudos biográficos sobre o pensador martiniquense, marcantes nos anos 1970 e retomados recentemente. Um terceiro bloco, com destaque para os anos 1980 e 1990, analisava seu suposto pioneirismo como autor “pós-colonial”, por sua ênfase na inter-relação entre cultura e poder e sua visão não essencialista das identidades. O destaque ia para *Pele negra, máscaras brancas* (1952). Hoje fala-se também de um Fanon “decolonial”, em minha opinião, desconsiderando sua aposta no humanismo, na racionalidade e no socialismo, além de suas críticas às visões não dinâmicas das culturas populares. Seja como for, em todos estes momentos, o autor foi enquadrado como representante de algo maior.

É hora de superar tal tendência. E isto já vem ocorrendo internacionalmente, quando se passou a desenvolver e atualizar o pensamento fanoniano a partir de suas próprias formulações, como tem sido realizado por autoras e autores como Mireille Fanon-Mendés-France (sua filha, presidente da Fundação Frantz Fanon), Jane Gordon, Alejandro Oto, Lewis Gordon, Nigel Gibson, Silvia Wynter, Reiland Rabaka, Sonia Dayan-Hezbrun, Deivison M. Faustino, entre outros.

Para os que estão se iniciando na temática, sintetizo algumas considerações que julgo pertinentes para entender as contribuições destes e outros/as autores/as. A ideia central é que se deve superar a suposta dicotomia entre um Fanon estudioso, psiquiatra, e um Fanon militante, marxista e revolucionário.

É fato que o autor viveu em um momento em que o anticolonialismo era um projeto incontornável, especialmente no mundo afro-asiático. Ele nasceu neste contexto e sentindo tal necessidade, pois sua Martinica era (e ainda é) um departamento francês. Este objetivo alicerçou redes e alianças intelectuais e políticas, que se consolidaram nos anos 1950.

Na América Latina e do Norte, durante quase um século (XX), praticamente ignorou-se tal tradição teórica, imaginando que as questões que estavam ali sendo colocadas eram aqui marginais ou secundárias, pois as Américas já eram politicamente independentes desde o século XIX. Havia exceções desta interpretação – no Brasil o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) – mas raramente estas conseguiram se colocar na institucionalidade acadêmica e no pensamento oficial. Uma consequência deste desconhecimento é que se teve por premissa que o anticolonialismo de tal tradição – afro-asiática e caribenha – teria sido algo circunscrito às independências nacionais. Não se observou que o objetivo era mais amplo: a luta contra todas as formas de colonialismo. Aliás, como disse Sukarno (então presidente da Indonésia e um dos maiores promotores do terceiro-mundismo) na abertura da célebre Conferência de Bandung (1955):

E eu lhes suplico: não pensem no colonialismo apenas na sua forma clássica, que nós, da Indonésia, e nossos irmãos em diferentes partes da Ásia e da África conhecemos. O colonialismo também tem uma vestimenta moderna, na forma de controle econômico, controle intelectual, controle físico efetivo por uma comunidade pequena, mas estrangeira, dentro de uma nação. Ele é um inimigo habilidoso e determinado, e aparece sob muitas formas. Não entrega seu saque facilmente. Onde quer que apareça, quando quer que apareça, e da forma como aparecer, o colonialismo é algo perverso – e algo que deve ser erradicado da face da Terra.¹ (Sukarno, 1955, p. 4)

Fanon tem tudo a ver com o que está ali sendo dito. Ele foi um dos autores e militantes que melhor compreendeu tal percepção, dando-lhe profundidade teórica e política. Seu anticolonialismo passava pelas independências nacionais sem dúvida, mas ia muito além delas, buscando entender as diferentes formas em que as relações de conquista entre os povos se mantinham, fosse nas relações de poder/dominação e exploração de cunho social, racial e biológico, fosse na contínua hierarquia entre países no mundo pós-colonial – como semicolonialismo ou neocolonialismo. Ao realizar tais análises de forma pioneira, no contexto colonial e para além dele, se tornou um pensador original, inclusive em relação aos seus correligionários anticolonialistas. Daí sua atualidade.

Sua instigação para o tema provavelmente advinha de sua trajetória peculiar, um jovem martiniquense vivendo na França, Argélia, Tunísia. De início, ele buscou entender certos paralelismos culturais e psicossociais que supunha existir tanto em sociedades coloniais, quanto em sociedades pós-coloniais, mas estruturalmente racistas, em especial os Estados Unidos da América. Desta análise foi surgindo a ideia de dar centralidade à noção de conquista, como um objeto de estudo de teoria social. (Barbosa & Faustino, 2025, p. 11-28) Mas quando ele usava este termo é importante pensá-lo também em sua contemporaneidade, e não apenas como fenômeno original. As relações de conquista existem por conta de uma desproporção de superioridade técnica e militar de alguns povos sobre outros. Para Fanon, no mundo moderno, a violência e o racismo são inerentes a tal totalidade, e o genocídio é uma possibilidade

¹ Texto original: “And, I beg of you do not think of colonialism only in the classic form which we of Indonesia, and our brothers in different parts of Asia and Africa, knew. Colonialism has also its modern dress, in the form of economic control, intellectual control, actual physical control by a small but alien community within a nation. It is a skilful and determined enemy, and it appears in many guises. It does not give up its loot easily. Wherever, whenever and however it appears, colonialism is an evil thing, and one which must be eradicated from the Earth”.

sempre presente. Sociedades que são formadas e reproduzidas por essas relações, ou seja, sociedades de conquista, se mantêm pela desumanização de suas vítimas, por um processo que inclui exploração (de trabalho e biológica) e dominação (objetiva e subjetiva, ou seja, despersonalização), na medida em que tais sociedades tendem a moldar um psiquismo social de acordo com os seus valores dos povos conquistadores.

Tal sociedade inclusive premia aqueles que melhor correspondem ao seu *modus operandi*, tanto os que a aceitam e justificam, quanto os que são responsáveis por manter a repressão necessária para sua manutenção. Neste último caso, é a lógica do sistema que favorece o comportamento perverso e o tipo sádico que a acompanha, que sente prazer em infligir dor ao Outro, violentando-o e massacrando-o. A exaltação da tortura é parte da psicopatia. E vale lembrar inclusive que se elegeram pessoas como este perfil para presidentes de diversas repúblicas. Pergunta retórica: quão atual é Fanon?

Claro que as formas de reprodução dessas sociedades são dinâmicas. A polícia ocupa hoje o papel que antes era da força militar. O racismo tende a ser mais implícito do que outrora. Mas não se trata de uma evolução, como explica o autor no seminal artigo *Racismo e cultura* (1956). Nele, o autor começa com uma questão primordial: o racismo deve ser entendido desde uma abordagem sistêmica e histórica. Ele é parte de uma “modalidade da hierarquização sistematizada conduzida de maneira implacável” (Fanon, 2021, p. 69), visando um trabalho de “escravização econômica” ou “mesmo biológica” de um grupo populacional sobre outro. Em seus termos: “O racismo, como já vimos, não passa de um elemento de um todo maior: a opressão sistematizada de um povo”. (*ibidem*, p. 71) Ele não é um todo, “mas o elemento mais visível, mais cotidiano, às vezes o mais grosseiro, em suma, de uma estrutura dada”. (*ibidem*, p. 70) Ele é a “norma” desta sociedade e desta cultura, que busca inferiorizar e desumanizar povos subalternizados. (*ibidem*, p. 79) Em sua visão, o racismo é próprio de um processo de opressão, de desumanização e de hierarquização, uma “disposição inscrita num determinado sistema”. (*ibidem*, p. 80) O colonialismo é certamente uma forma dessa dominação, mas não a única. Tanto é assim que na onda do “neofascismo”, o racismo vai sendo retomado de forma explícita. Isso é algo lógico quando se faz necessário, pois, essencialmente, essas e outras formas de exploração e dominação têm a mesma finalidade: manter uma configuração colonialista particular. Também as sociedades europeias estão se tornando cada vez mais esse tipo de lugar.

A partir de tal análise do autor, clássica em termos de racismo “estrutural” ou “sistêmico”, vale então retomar a questão anterior, acerca do paralelismo entre sociedades coloniais e racistas. Nesse ponto, a argumentação de Fanon é peremptória. Para ele, ambas as sociedades são fruto de um mesmo processo de subjugação de alguns grupos populacionais por outros. O autor utiliza termos diversos para descrever esse dado: hierarquização, inferiorização, opressão, desumanização. Mas o importante é que ele vê tais termos como elementos de um mesmo processo de dominação, de poder e de exploração, que nasce com o colonialismo, mas não morre com ele.

No meu entender, esses e outros *insights* brilhantes de Fanon faziam parte de um projeto intelectual em que ele pretendia construir uma teoria social completa, em que o mundo capitalista e sua face colonial e neocolonial, seriam as duas partes de uma mesma totalidade, cuja gênese foram os processos de conquista europeia. Infelizmente, em minha opinião, ele não teve o tempo necessário para desenvolver tais ideias em um todo coerente ou acrescentar outras (se fosse o caso). Muitos herdeiros

entenderam esta necessidade, e pode-se ver facilmente sua influência em nomes tão relevantes e diversos, como Amílcar Cabral, Julius Nyerere, Huey P. Newton, Stokely Carmichael, Angela Davis, Steve Biko, Walter Rodney, Ngugi Wa Thiong'o, Edward Said, Lélia Gonzalez, Homi Bhabha, Stuart Hall, Walter Dignolo ou Achille Mbembe.

As relações de conquista, estudadas por Fanon, ao mesmo tempo permeiam as relações internacionais. Esta é outra face do autor, menos debatida hoje. A história mostra o quanto de barbárie pode ocorrer contra um povo que é alvo de uma conquista colonial. Veja-se o genocídio das populações originais da América, o colonialismo europeu, o massacre atual dos palestinos em Gaza. Fazer-se existir por via de uma independência nacional, garantida por um Estado-Nação, foi a forma encontrada pelos povos afro-asiáticos para que eles não fossem mais alvos destas e outras violências brutais. Fanon acreditava que, para além desta esfera defensiva, um Estado-Nação socialista, terceiro-mundista, democrático, poderia levar as nações pós-coloniais, em aliança com o campo socialista, para uma transformação estrutural e positiva do mundo.

Como fica este legado hoje? A verdade é que a escolha pelo Estado-Nação, por mais balcanizado que ele fosse, teve suas limitações no mundo pós-colonial, pois poucos países afro-asiáticos conseguiram transformar suas nações em sociedades desenvolvidas e autodeterminadas. Pelo contrário, a maior parte das ex-colônias se tornaram neocoloniais (ou mesmo semicolônias), tal qual os países latino-americanos e caribenhos. Quando muito se realizou uma autodeterminação política, mas não uma descolonização cultural ou econômica. Fanon previu isto, mas não podia prever a queda da URSS, que piorou em muito o quadro internacional para os recém-chegados. O fato de a China haver-se tornado uma exceção mais notável, diz muito. Ele mostra que não basta querer se autodeterminar, em termos de organização, planejamento e concentração de poder político, é preciso ter as condições estruturais para fazê-lo, em termos de território, recursos humanos e naturais. E tal implica a necessidade premente da construção de grandes nações no Sul Global. Parece não haver outra saída de médio e longo prazo.

Se tal ideia pode parecer um tanto esdrúxula ou impraticável é porque hoje sabemos melhor do lado sombrio de uma construção nacional. Há razões históricas e éticas que justificam tal percepção. Em especial, o fato de que quanto mais forte é esta projeção da unidade nacional, maior tendeu a ser a invenção de um Outro a ser enfrentado (e por vezes eliminado), tanto externa, quanto internamente. E não há coincidência, pois a imagem de um inimigo comum reforça os laços de unidade e semelhança de uma maioria. A tragédia está à espreita. No entanto, é também observável que sem um Estado-Nação estruturalmente forte, inclusive politicamente, pouquíssimo se pode fazer atualmente de forma autodeterminada. E isto é especialmente importante para os mais pobres de uma nação, por conta da necessidade de um desenvolvimento econômico constante e inclusivo. É uma contradição. Como superar este fato em sociedades estruturadas por uma configuração colonialista, como os EUA ou o Brasil? Não é uma pergunta fácil de se responder. Mas enquanto não o fizermos, o ovo da serpente (chamado fascismo) tomará cada vez mais espaço, pois a projeção nacional atualmente está tão viva quanto antes, apesar dos apressados diagnósticos globalistas dos anos 1990, que diziam o contrário.

Estas e outras questões surgem quando se lê Fanon. Sendo assim, aconselho que não o façam caso sua intenção seja ter horas prazerosas de desenfado. Mas se o

objetivo for entender melhor o mundo em que vivemos, logo se perceberá por que este jovem intelectual e militante martiniquense, falecido aos 36 anos, é tido hoje como um dos principais teóricos sociais da contemporaneidade.

Referências

- BARBOSA, Muryatan S. & FAUSTINO, Deivison. *Desde Fanon*. São Paulo: Boitempo, 2025.
- FANON, Frantz. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2021.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- SUKARNO. *Opening address given by Sukarno*. Bandung, 18 de abril de 1955. Disponível em: <https://www.cvce.eu/en/obj/opening_address_given_by_sukarno_bandung_18_april_1955-en-88d3f71c-c9f9-415a-b397-b27b8581a4f5.html>. Acesso em: 11/12/2025.

Texto produzido sob encomenda da Equipe Editorial